LISBOA, 25 DE DEZEMBRO DE 1941
N.º 32 — EXTRAORDINÁRIO DO NATAL
PREÇO: 1$50
SILÊNCIO! HOJE É DIA DE NATAL! Antigamente, era de alegria, era a Festa da Família... Lembrem-se disto os homens, quando a Morte paira sôbre o Mundo! Não façam barulho... Ao menos hoje. Calem a voz do canhão... Silêncio!
(Foto Serra Ribeiro)
VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O PAÍS VIBROU, mais uma vez, de emoção patriótica em volta do seu Chefe, quando da notável exposição por êle feita, a propósito da violação do território português de Timor. E não cessa de mostrar, por tôdas as formas, a sua plena concordância com as palavras por êle pronunciadas na última reünião da Assembleia Nacional, de que damos, nesta página, alguns aspectos.

DE CIMA PARA BAIXO: O sr. Presidente do Conselho lendo o seu discurso. — Os deputados e os assistentes, nas galerias, aplaudem entusiàsticamente o sr. dr. Oliveira Salazar. — Os membros do Corpo Diplomático e os jornalistas, antes de principiar a sessão. — No largo fronteiro ao Palácio de S. Bento, a polícia tem dificuldade em conter a multidão entusiasmada que aclama o nome de Salazar, depois da transmissão do seu discurso através dos alto-falantes instalados no local.

O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA
SR. GENERAL OSCAR CARMONA
(Foto Armando Silva)

Professor OLIVEIRA SALAZAR

Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, à sua sábia e nobre política de rigorosa neutralidade sem faltar aos deveres que resultam da nossa secular aliança com a Inglaterra, tem devido Portugal não só conservar-se afastado do incêndio da guerra que alastra por todos os mares e por todos os continentes, como ainda tornar-se merecedor do alto aprêço e do justo respeito do mundo inteiro. Mas agora que a soberania portuguesa se vê ameaçada pela invasão de um dos pontos distantes do nosso Império, invasão tanto mais incompreensível quanto é certo haver sido praticada contra um país não apenas neutro, mas também amigo e aliado. Salazar, pela firmeza com que soube defender os nossos direitos de soberania e se decidiu a fazer respeitar a grandeza do nosso destino histórico, tornou-se bem o homem providencial de que Portugal precisa nesta hora difícil, o chefe incontestado de todos os portugueses, o homem que reüne em si a vontade e a decisão do país inteiro, neste transe crucial em que a cegueira dos homens põe em perigo a independência de uma nação oito vezes secular.

(Caricatura de Cândido Costa Pinto)

Figuras da Vida MUNDIAL

A cura das doenças

PELOS MEIOS FÍSICO-NATURAIS

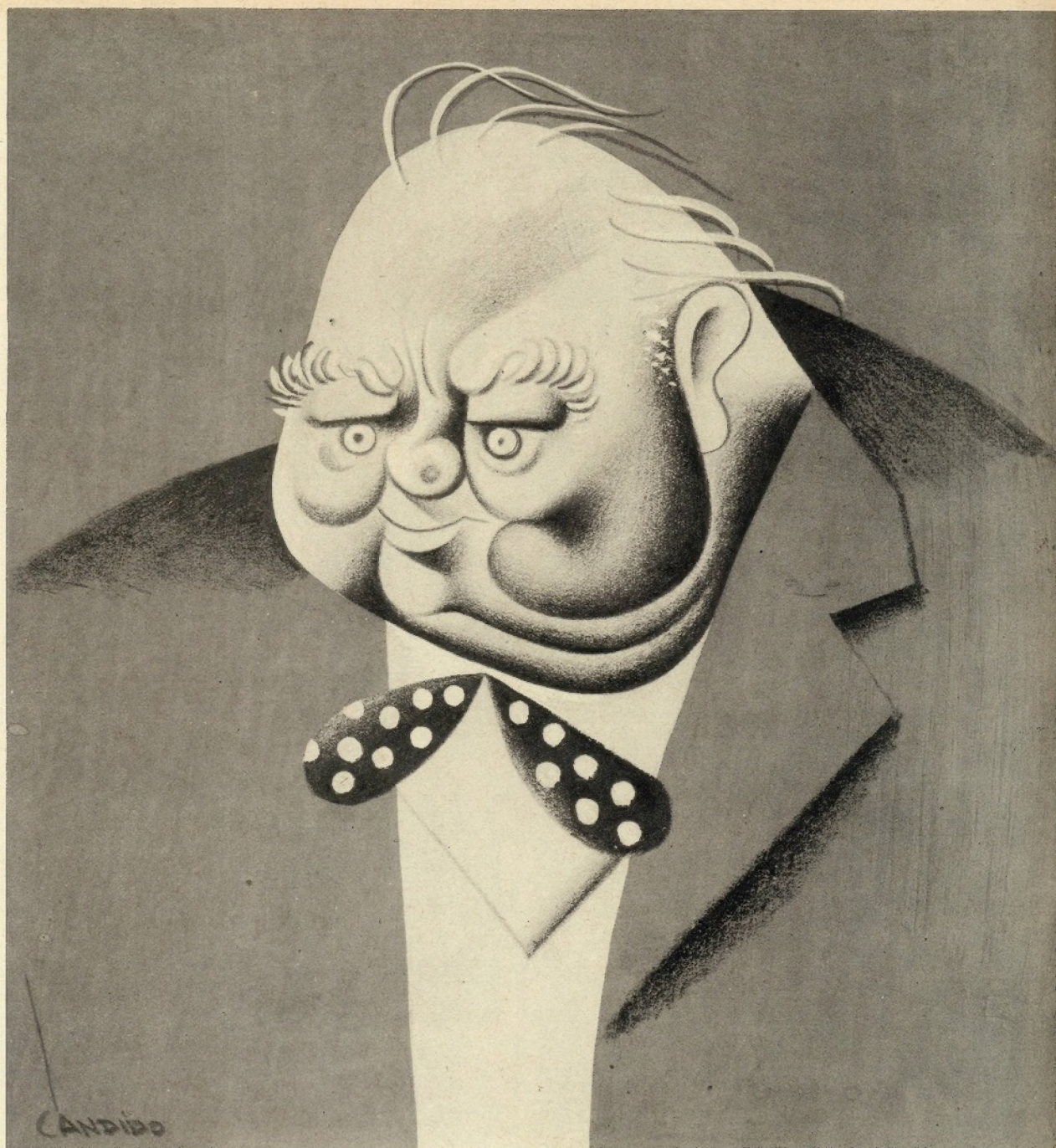
NO INSTITUTO DR. INDÍVERI COLUCCI DE PAÇO DE ARCOS

Já aqui fizemos referência, mais de uma vez, a êste magnífico Estabelecimento, onde se têm realizado, nos últimos anos, as mais extraordinárias curas de doenças crónicas e agudas, por processos que despertam, realmente, o maior interêsse, pois se baseiam no simples emprêgo dos Meios Físico-Naturais, ou seja — com a absoluta e rigorosa exclusão de todo e qualquer medicamento químico.

A Imprensa diária de Lisboa e Pôrto está dando relêvo a essas curas, publicando entrevistas com alguns dos doentes curados, e das declarações das pessoas entrevistadas ressalta a confirmação dos magníficos e imprevistos resultados daquela terapêutica especial, visto êles referirem-se a casos muito graves de enfermidades longas e inùtilmente tratadas pela medicina e que tiveram a sua solução normal e fácil no Instituto Dr. Indiveri Colucci, em poucos meses de tratamento diário.

Entre essas enfermidades, que resistiram tenazmente a todos os ataques da medicação química e foram debeladas sem dificuldade pelo Processo Colucci, contam-se as peculiares às **Senhoras, as do sistema nervoso,** as **artríticas** (reumatismo, gôta, artério-esclerose, angina pectoris, etc.), as de pele, estômago, rins, fígado, coração, etc., bem como, o que é mais maravilhoso, a própria **sífilis,** cujas manifestações, mesmo as mais complicadas, cedem com relativa rapidez àquele método curativo, o que prova a terrível infecção curar-se pela Fisioterápia, quando associada esta a outros meios de combate que fazem parte do método em referência, o que não sucede com o uso do mercúrio, do arsénico e do bismuto, os quais, além de ineficazes, arrasam os órgãos digestivos e as veias, lesando gravemente as células e desiquilibrando todo o sistema nervoso. Leia-se o interessante livro «A Natureza ao Serviço da Saúde», do jornalista António Gonçalves, de que é depositária a Livraria Bertrand, da rua Garrett, em Lisboa, no qual se demonstra, com valiosos documentos, a verdade do que acabamos de afirmar.

O MARAVILHOSO ASPECTO DA BARRAGEM DE FOGO das peças anti-aéreas que defendem uma cidade italiana.

PRESÉPIO
desenho a carvão
por Baptista Rudy

Figuras da Vida MUNDIAL

Churchill

PRIMEIRO MINISTRO DA GRÃ-BRETANHA

VISTO POR CANDIDO COSTA PINTO

Vida MUNDIAL Ilustrada

AS FILIPINAS, arquipélago de grandes riquezas naturais, foi um dos primeiros objectivos de guerra dos japoneses. A cana do açúcar é um dos produtos mais abundantes nos mercados indígenas e compete com o produto similar cubano

O CAIS DE MANILA foi sempre um dos mais importantes do Oriente. Por êle passaram os maiores barcos de carga de todo o Mundo.

É POSTO À VENDA BREVEMENTE O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO, «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA». É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL»

BAILADOS
Foto Horácio Novais

«A AMÉRICA PRECISA DE ALUMINIO» — dizem grandes cartazes colocados nas ruas das principais cidades dos Estados Unidos. E junto dêles, homens, mulheres e crianças vão depositar as peças daquêle metal que não fazem falta em suas casas. Os americanos não ignoram que um avião moderno precisa de 90 % de aluminio para a sua fabricação.

«A AMÉRICA PRECISA...» — diz o cartaz. E mais não é necessário para que êle aflua de todos os lares e se junte aos montes, em tôda a parte.

POLÍTICA do ATLÂNTICO

Um depoimento de José Osório de Oliveira sôbre as relações culturais luso-brasileiras

por Castro Soromenho

A literatura brasileira encontrou em José Osório de Oliveira um dos seus mais categorizados propagandistas em Portugal. Através da sua obra, mais de uma dúzia de volumes, o autor da «História Breve da Literatura Brasileira», enaltecida pelos críticos brasileiros, nunca perdeu uma só oportunidade para falar do Brasil literário. Desde o ensaio, à crítica e ao simples apontamento literário, Osório de Oliveira tem contribuído de maneira notável para melhorar e ampliar as relações culturais luso-brasileiras.

Por tôdas estas razões, o autor de «Espelho do Brasil» estava naturalmente indicado para nos falar da «Política do Atlântico».

Osório de Oliveira diz-nos:

A LITERATURA BRASILEIRA E OS CRÍTICOS

— O estudo da evolução histórica da literatura brasileira impõe-se como uma necessidade, quási como uma medida preventiva contra a precipitação de certos críticos. Começou para aí a escrever-se sôbre a literatura do Brasil, partindo do conhecimento exclusivo das obras mais recentes. Ora se a conclusão da minha «História Breve» é precisamente esta: que «com os escritores da hora actual o Brasil se descobre a si próprio e se exprime, enfim, livremente, senhor de uma literatura absolutamente brasileira», é preciso saber situar êsses escritores na cadeia de que são um élo, para bem os compreender. Essa «literatura absolutamente brasileira» de hoje é o resultado de uma evolução histórica, sem o conhecimento da qual não se pode fazer uma ideia exacta do que significam os escritores cujas obras aparecem agora nas montras das nossas livrarias. Não se pode, sobretudo, apreciar aquilo que especialmente os caracteriza: a «conquista definitiva de um carácter nacional», que é o resultado de uma «lenta conquista» — para empregar expressões minhas que tiveram aceitação no Brasil. Assim como, há anos, se falava de Olavo Bilac e de Coelho Neto isoladamente (nem de Machado de Assis e de Euclydes da Cunha se lembravam os críticos de então), fala-se, hoje, de Manuel Bandeira, Jorge de Lima ou Ribeiro Couto e de José Lins do Rêgo, Jorge Amado ou Erico Veríssimo; não se fala da literatura brasileira. Mas como haviam de fazê-lo, sem perigo de errar, os nossos críticos, tão imperfeitamente informados, embora tão seguros da infalibilidade dos seus juízos? Livro brasileiro que lhes caia nas mãos, julgam-no logo, sem conhecer nada de quanto o precedeu. É como se um brasileiro se pusesse a criticar um romancista português da hora actual, ignorando Eça de Queiroz.

ESCASSEZ DE ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO

— Os estudos brasileiros encontram um grande obstáculo em Portugal: a falta ou escassez de elementos de consulta e de informação. As nossas bibliotecas principais, pelo menos a Biblioteca Nacional, a municipal do Pôrto e a da Universidade de Coimbra, deviam possuir tudo, mas absolutamente tudo quanto é necessário para o completo conhecimento do Brasil. Só assim os estudiosos portugueses poderiam tornar-se brasileiristas competentes, deixando de ser, como são quási todos, meros curiosos ou imperfeitos amadores de assuntos brasileiros. A culpa, aliás, não é dêles, e pode, mesmo, dizer-se que, de um modo geral, não lhes falta boa vontade. Mas onde poderão encontrar, e já não digo adquirir, tôdas as obras necessárias e até, mesmo, as que são fundamentais? Se eu tenho podido fazer alguma coisa, devo-o, em grande parte, às circunstâncias de que beneficiei, ou seja ao facto de dispor de uma biblioteca brasileira, que está longe, aliás, de ser completa.

«Entendo que a medida mais útil e eficaz para tornar o Brasil conhecido em Portugal é a criação de uma biblioteca brasileira em cada uma das três cidades universitárias. Uma biblioteca — entendamo-nos — que seja um centro de estudos e de investigações, mais do que um local de recreação; uma biblioteca que empreste os livros aos estudiosos, para que êles possam trabalhar nos seus gabinetes. O escritor e professor da cadeira de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Lisboa, Manuel de Sousa Pinto, deixou a sua brasiliana, segundo creio, à Academia das Ciências, e essa brasiliana devia ser bastante boa; duvido, porém, que funcione como instrumento útil de trabalho, já não digo emprestando livros, mas com catálogo próprio, impresso, com anotações, para servir de guia aos leitores. Na Faculdade de Letras de Coimbra sei que há uma sala «Ruy Barbosa», antiga sala «Brasil», e que nela funciona um Instituto de Estudos Brasileiros que, graças à devoção do professor Rebêlo Gonçalves, vai publicar uma revista: «Brasília». É alguma coisa já, mas falta fazer muito mais, sobretudo se pensarmos, como eu penso, que cada português culto devia possuir uma cultura brasileira tão profunda como a cultura portuguesa que possui.

José Osório de Oliveira

É PRECISO CONHECER O BRASIL

— É claro que não basta o conhecimento livresco, adquirido à distância. Não se pode compreender exactamente a literatura de um país como o Brasil, se não se fizer uma ideia da sua vida social, da psicologia do seu povo, dos seus ambientes geográficos, das modalidades da língua falada, de tôdas as peculiaridades características que essa literatura reflecte. Dir-me-ão que à literatura compete revelar tudo isso, e que, portanto, bastará ler essa literatura — o que é verdade para o simples leitor, mas não para o estudioso, para o crítico da literatura, por exemplo, que procura saber, precisamente, porquê, como e porque razão a literatura manifesta isto ou aquilo. E quem diz a literatura, diz o pensamento em tôdas as suas formas, diz a poesia culta ou folclórica, diz a música erudita ou popular, diz a pintura de um Portinari ou as esculturas e as igrejas do Aleijadinho, diz as velhas cidades setecentistas de Minas Gerais e as casas grandes dos senhores de engenhos de Pernambuco, diz, enfim, tôda as manifestações próprias dos estilos de vida do Brasil. Ora isso só se pode conhecer capazmente visitando o Brasil.

O ACÔRDO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO

— Aplaudo e felicito-me, como português e como meio-brasileiro pelo coração e pela sensibilidade, como luso-brasileiro que me considero, pela conclusão do Acôrdo Cultural. Estou certo de que António Ferro, com o seu conhecimento do Brasil, que não é de agora, previu a ida de estudiosos portugueses das coisas brasileiras ao país irmão, e não como «reporters» apressados, mas como investigadores atentos e já, de algum modo, preparados, isto é, como pesquizadores da vida, da alma e do génio dessa nação, sem o conhecimento da qual não se pode ser verdadeiramente português.

P. S. — *O jornalista que discordou de Consiglière Pedroso — referido na entrevista que o ilustre escritor e poeta João de Barros concedeu a «Vida Mundial Ilustrada» sôbre a «Política do Atlântico» — foi José Barbosa, figura de relêvo no jornalismo e na política do nosso país, parlamentar e ministro da República, autor de um trabalho, muito apreciado, onde tratou largamente da aproximação luso-brasileira.* — C. S.

Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

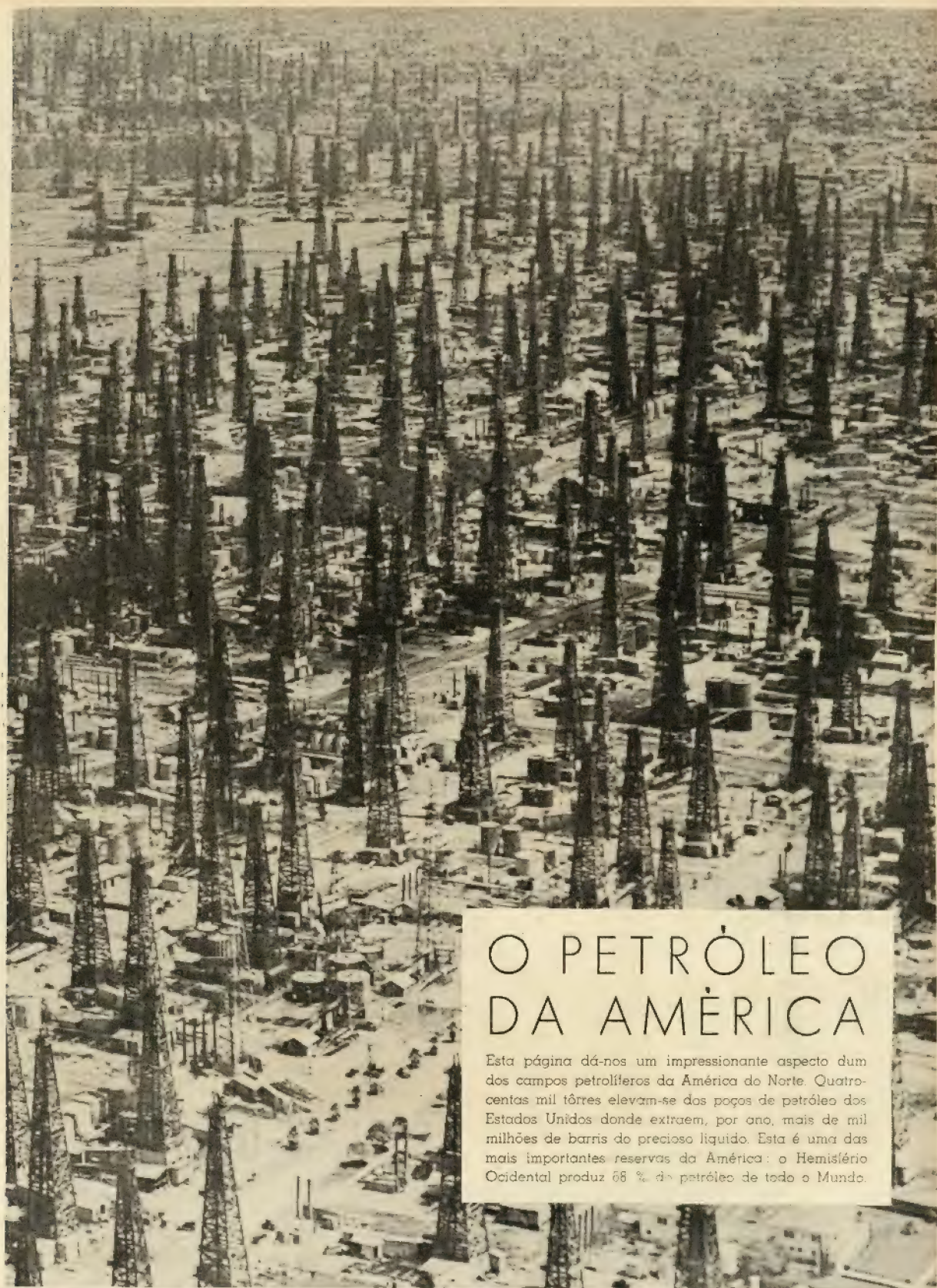
CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas: 3 meses (12 números): 11$00; 6 meses (24 números): 22$00; 12 meses (48 números): 43$00. África: 12 meses (48 números): 60$00. Estrangeiro c/convenção: 12 meses (48 números): 65$00; estrangeiro s/convenção: 12 meses (48 números): 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.º - Tel. 26942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS ARTISTAS, EMPREGADOS E COLABORADORES da emprêsa do Coliseu dos Recreios reüniram-se há dias num almôço de confraternização para festejar o êxito da peça que ali se exibe actualmente e homenagear o empresário Ricardo Covões pelo seu esfôrço a favor do ressurgimento do teatro de opereta em Portugal.

(Foto J. Garcia)

O PETRÓLEO DA AMÉRICA

Esta página dá-nos um impressionante aspecto dum dos campos petrolíferos da América do Norte. Quatrocentas mil tôrres elevam-se dos poços de petróleo dos Estados Unidos donde extraem, por ano, mais de mil milhões de barris do precioso liquido. Esta é uma das mais importantes reservas da América: o Hemisfério Ocidental produz 68 % do petróleo de todo o Mundo.

A BORDO DUM NAVIO DE GUERRA alemão, houve sinal de alarme. A tripulação corre a tomar lugar junto das suas peças. Está tudo a postos para o combate contra aviões ou contra navios de superfície inimigos.

LANÇA MINAS alemão faz rumo ao Báltico, a caminho de águas onde paira a esquadra russa, para uma operação difícil.

É POSTO À VENDA BREVEMENTE O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO, «DO DIÁRIO DE JOSÉ MARIA». É UMA EDIÇÃO DE «VIDA MUNDIAL».

ARCO IRIS
SÔBRE O RIO
Foto Armando Serôdio

DUAS POVOAÇÕES — uma, portuguesa; outra, espanhola — olham-se através do Guadiana. No primeiro plano, a vila de Alcoutim; no segundo, San Lucar
(Foto Tomé Vieira)

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

NÃO é a primeira vez que escrevo estas palavras. Pelo contrário, elas me ocorrem todos os anos nesta quadra. O Natal, festejando o nascimento duma criança, é, acima de tudo, a festa das crianças. Sôbre o seu pequenino berço de palha, o Menino Jesus não significa mais do que um símbolo de candura e de esperança, virtudes que não são, positivamente, apanágio das pessoas crescidas. Em boa verdade certos costumes habituais nesta época — o sapato na lareira, o presépio, a chegada do Pai-Natal — não passam, no fundo, de criações caracterizadamente infantis. Entretanto, talvez por isto mesmo, quando chega o Natal, nós temos — ou pelo menos devemos ter — a impressão de que recuamos no tempo; de que os nossos cabelos brancos voltam a ser pretos ou loiros; de que nos envolve uma imprevista auréola de juventude; e de que os nossos filhos, com as suas ilusões e as suas fraldas, os seus brinquedos e os seus sonhos, não são mais, em relação à idade, do que nossos irmãos mais novos...

Só por isto, bendito seja o Natal!

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

A Academia das Ciências homenageou, há pouco, a memória de Leite de Vasconcelos, homem cuja obra é um vasto monumento de saber e cuja vida é uma nobre lição moral. Fortunato da Fonseca, que não era pródigo em elogios, dizia dêle:

— É verdadeiramente Leite... sem água!

RICARDO COVÕES

DIZ-SE que os japoneses declararam guerra a Ricardo Covões, conhecidíssimo empresário do Coliseu dos Recreios.

— Porquê? — preguntar-se-á.

— Por causa da *Viúva Alegre*.

— Mas...

— Sim, porque a *Viúva Alegre* para o Covões tem sido um autêntico negócio da China!

NAPOLEÃO

POR volta de 1810, Napoleão e Maria Luiza visitaram várias cidades setentrionais do império francês. Para celebrar esta visita, o burgomestre de certa cidade da Holanda mandou erguer numa das praças um arco de triunfo e pintar, em evidência, um grande letreiro com êstes versos: «*Il n'a pais fait une sottise, en epousant Marie Louise!*» Napoleão leu isto e pouco depois mandou chamar o burgomestre:

— Diga-me: faz versos?

Imediatamente êle, numa respeitosa mesura:

— Às vezes, «sire», quando estou aborrecido!

ARTE DE PENSAR

O dr. Mário Gonçalves Viana, espírito de sólida cultura, acaba de me enviar o seu último volume: *Arte de Pensar*. Li-o dum fôlego, tanto interessam aquelas duzentas páginas de rara clareza. Oxalá que êste livro se divulgue para que comecem a pensar os que nunca pensaram coisa alguma e principiem a pensar melhor aqueles que, infelizmente, não pensam bem...

PAPÁ MARCELO

Uma bela noite, há anos, precisamente na véspera do Natal, o dr. Marcelo Caetano pegou num dos seus sapatos, sacudiu-lhe a poeira e colocou-o na chaminé. Dormiu alvoroçado tôda a noite. Mal rompeu a manhã, levantou-se dum pulo, enfiou, à pressa, um pijama e correu à cozinha. Qual não foi o seu espanto quando viu junto do sapato uma borla e um capelo de doutor. Absorto, deslumbrado, atirou o capelo aos ombros, enfiou a borla na cabeça — e foi-se contemplar ao espelho. Aquilo ficava-lhe bem! Veio a família, vieram os amigos, vieram os admiradores — em regra, os nossos maiores inimigos — e o acontecimento foi celebrado como merecia. Pois bem. Desde essa noite memorável, nunca mais veio um Natal que Marcelo Caetano não pusesse o seu sapato na chaminé e — facto extraordinário! — nunca mais o favor dos Deuses deixou de colocar junto daquele sapato venturoso dádivas magnânimas. Decerto que as merece. Mas, até porque os Deuses nem sempre se mostram justos na sua distribuïção, quere-nos parecer que Marcelo Caetano tem sido particularmente feliz, vendo reconhecida a justiça a que as suas qualidades têm indiscutível direito. A sua carreira tem sido rápida e gloriosa. Tendo conseguido harmonizar a cátedra de Direito com o Comissariado da Mocidade Portuguesa, quere dizer, tendo realizado o prodígio de conciliar duas coisas, pelo menos aparentemente opostas — o Direito e o bastão — Marcelo Caetano revelou-se um diplomata arguto e equilibradíssimo. Alegre, risonho, bom rapaz, sem a basófia empanturrante de outros com muitos menos merecimento do que êle, conseguiu, como chefe da Juventude, ser o mais velho de todos os mais novos — sem deixar de ser o mais novo de todos os mais velhos. Êste ano o Pai-Natal delegou nêle uma missão: a de distribuir brinquedos pela mocidade portuguesa. Estamos já a vê-lo, de barbas, enfiado num largo capuz branco, um alforje no ombro, um bordão de peregrino na mão, cumprindo o seu desígnio, com a radiosa alegria duma grande criança. Daqui me curvo perante a sua figura bonacheirã, acenando-lhe de longe, com o meu lenço amigo:

— Adeus, ó Caetano!

A VELHICE DE SHAW

BERNARD Shaw teve a sua residência durante muitos anos numa amena aldeia de Hertfordshire. Preguntaram-lhe um dia porque ficara ali, naquela terra sem atractivos. Respondeu, não hesitando:

— Um dia, percorrendo acidentalmente esta aldeia, nos acasos duma viagem, vi no cemitério uma lápide em que estavam escritas estas palavras: «Morreu com noventa anos. A sua existência foi curta». Uma terra em que aos noventa anos se julga a existência curta, é uma terra que convém à minha quási centenária mocidade.

O MUNDO

ESTE Mundo é realmente paradoxal. As mulheres têm medo dum rato e os homens têm medo das mulheres — que têm medo dêsse rato...

O CAÇADOR

O actor Alvaro Pereira, o «compère» de tanta revista de êxito, foi uma vez à caça. Andou por lá o dia todo. À noite, regressou trazendo um pato a tiracolo.

— Vêem? Matei um pato...

— Bravo?

Logo o nosso Alvaro:

— Bravo era o dono!

DISTRAÍDOS

O conselheiro Barjona de Freitas, que foi ministro várias vezes, tinha distracções fantásticas. Um dia encontrou um amigo e preguntou-lhe amàvelmente pela mulher.

— Eu não sou casado, senhor conselheiro...

Logo Barjona:

— Ah! Sim! Então sua mulher ainda está solteira?

MARIDOS E MULHERES

HOUVE um actor, em Lisboa, de quem se dizia que batia amiùdadamente na mulher. Certa ocasião um colega admoestou-o. O outro retorquiu:

— E tu nunca bateste na tua?

— Nunca.

E acrescentou, com vaga tristeza:

— Mesmo porque se lhe quisesse bater, ela chegava-me...

GÉMEOS

UM criado que estava, há muito tempo, num restaurante explicava a outro criado que entrára de novo, apontando um comensal, a um canto, sentado numa mesa:

— Vês aquele senhor que está sentado na mesa 15. Tem um irmão gémeo e são tão parecidos um com o outro que só se distinguem por isto: êste é surdo como uma porta... Vais ver como eu o trato...

Aproximaram-se os dois da mesa e o criado mais velho disse com voz então de tom natural mas galhofeira:

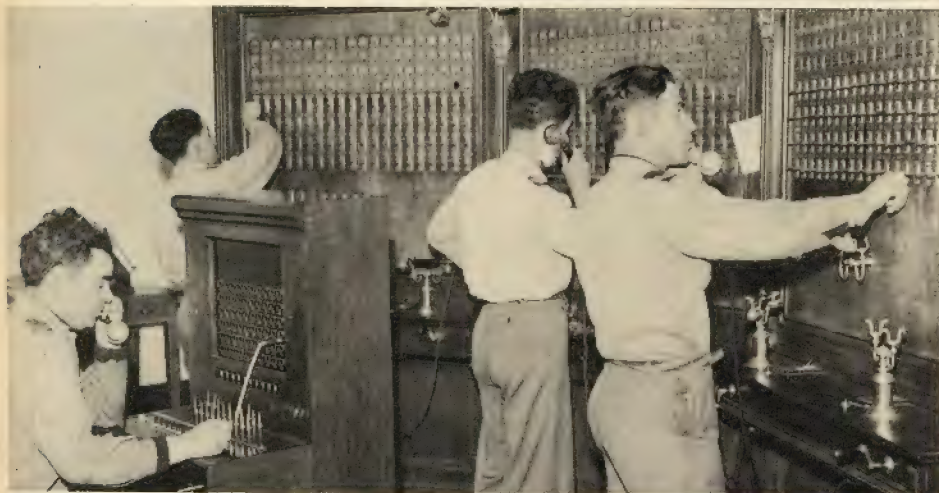
— Que queres comer hoje, meu malandro?

— Um bife com batatas fritas — respondeu logo o freguês. — E, a propósito, o surdo é o meu irmão...

Luís d'Oliveira Guimarães

O natal dos que não têm natal

reportagem de
Lança Moreira

No Hospital de S. José, opera-se...

ÚLTIMOS retoques no presépio... Ali, as palhinhas que hão-de receber o Jesus Menino, são ajeitadas. Mais além, a estrêla de alva, a sobressair no céu azul, indica o caminho dos reis Magos, que de longe vêm, opulentos, trazer suas oferendas e protestos de submissão.

O presépio está pronto!... Mãos carinhosas o ergueram, lhe deram forma e expressão.

Está frio, um frio que mais convida cada um a recolher a casa, a procurar o hálito quente dos seus.

Vai correr-se o reposteiro que encobre o presépio, dos olhos ávidos de o contemplar. Momento grandioso... Há emoção nos rostos e satisfação profunda nas almas...

A noite de Natal atinge o seu ponto

Na Central dos Bombeiros, todos estão de prevenção...

No café, o criado olha a sala vasia...

Na muralha do Tejo, o guarda-fiscal vigia...

culminante.

Consoada... O vinho, o licor, o espumante, borbulham nos copos, em delírio...

...E o estrépito das rôlhas que saltam, confunde-se com as notas de música, que irrompem dos altos falantes, da T. S. F. ou da simples e clássica grafonola...

Quem tem alegria, expande-a, sente-a, vive-a...

E quem não a tem? Porque a vida não lhe corra de feição, ou porque imposições e deveres imperiosos, levem a não compartilhar dos momentos admiráveis duma noite de Nata.?

Uns pensam na felicidade dos outros, esquecendo nessa preocupação a sua própria infelicidade. Há os que nem querem ouvir falar em Natal; há até — insensibilidade real ou aparente? — os indiferentes; e existem também, os resignados, os que forçados a trabalhar nesse noite, afogam no seu trabalho a recordação dum rosto de criança, dum beijo de mãe, dum afago de espôsa... Não têm Natal, melhor, o Natal pode florir apenas no íntimo, se o espírito está de facto liberto de mazelas...

... ...

O Natal dos que não têm Natal!... Ora aqui está um têma sugestivo e curioso. E vasto. Mas que tem de caber numa reportagem de meia dúzia de linhas. Vamos vêr como é o Natal dos que o não têm.

O leitor pode acompanhar a digressão.

... ...

Hospital de S. José. Entrámos no Banco. O cheiro carcterístico, que perturba e presupõe desgraça em cada doente que chega.

— O médico de serviço?...

— Está numa operação...

— Pretendia falar-lhe...

— Mas isso é impossível!... Em todo o caso vou ver se a operação já começou...

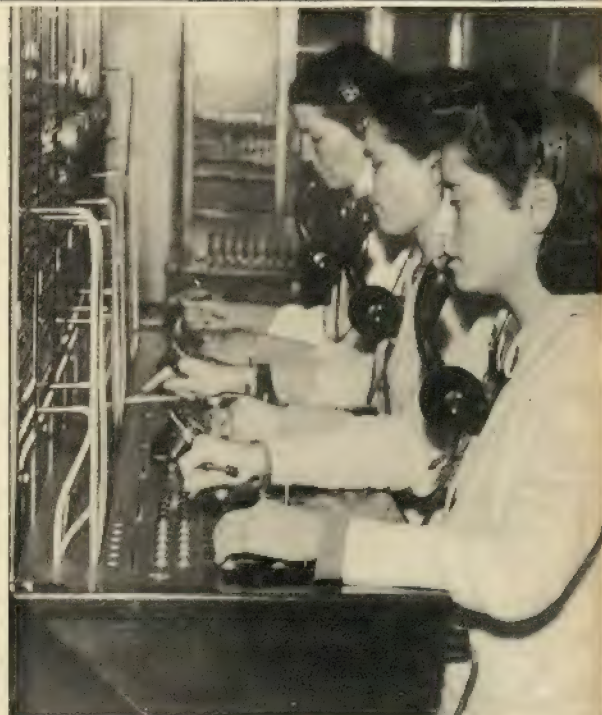
Uns segundos de espera. De bata branca — consagrado hábito — tenho na minha frente, o dr. Baptista de Sousa. Exponho-lhe o meu objectivo.

— O Natal do médico, meu amigo, do médico de serviço ao Banco, é êste

(Continua na pág. 47)

Na taberna, há vinho e tristeza...

No «Diário de Notícias», escreve-se

No Coliseu, há balbúrdia fora da cena.

Na Companhia dos Telefones, atende-se...

A LIGA PORTUGUESA DE PROLIFAXIA SOCIAL foi homenageada com uma sessão solene na Sociedade de Geografia, de que damos, em cima um aspecto.

A ESCRITORA Oliva Guerra durante o recital que organizou na Casa da Itália

O CHEFE DO ESTADO e o Ministro da Educação Nacional assistindo à inauguração da exposição de Carlos Carneiro, no estúdio do S. P. N.

ANADYOMENE
Mármore do
escultor alemão
Fritz Klimsch

CRIANÇAS

Colaboraram nesta página os pequeninos:

Maria Drosinki, Maria Eugénia Beltran Pepe, Margarida Viata, Dedi Diesendruck, Francisco Manuel Bacelar Begonha, Klas Lindstrand, Tore Lindstrand, Gudrun Kosth, Ostrom Kosth, José Miguel Correia Guedes, Ana Maria da Silva Infante, José Fernandes Alves Infante, Aurora Campos Esperança, José António Campos, Maria Antónia Genis Gorgon, Mirella Lepori, Ebe Lassaro, Maria Alexandrina Gomes Santana, António, Madalena e Teresinha Enes da Lage Raposo, Mariana Castilho Orey, Madalena e Maria Isabel Viana Lachau, Agela Veleze, Maria José Vieira Lisboa, Maria Helena e Maria do Carmo Guedes Monteiro, Maria Isabel e Maria João Bleck, José Caitano, Maria Teresa e Maria do Carmo Quintela e Edith Geier.

(Fotografias de Serra Ribeiro)

E BONECOS

Natal! Dia de bondade, de alegria e de amor! O Sol, mais intensivo, dardejou seus beijos de luz por tôda a Terra, banhando-a de Vida, envolvendo-a de côr, fortificando-a de risonhas esperanças. Transformou em poalha de oiro a lama manchada de fogo e sangue! Nasceu Jesus, o prègador da paz entre os homens!..

Fêz-se silêncio nos mares, nos ares, nos lábios e nos corações! É Natal; Dia dos pequeninos! Quantos, longe das suas pátrias — quais avesitas dispersas que outros ninhos buscaram — sonham com o pinheirinho iluminado, com o sapato repleto de vistosos brinquedos, com o bondoso Pai Noel que todos os anos visitava a lareira dos seus aconchegados lares?! Quantos, com a alma pequenina de luto ou com a saüdade a toldar-lhes os ingénuos folguedos?! Quantos, por êsse Mundo sem Natal, sem presépio, sem pinheirinho ou, sequer sapato, e, até, chaminé?!..

Portugal é hoje o pombal do Mundo. Os afortunados que procuravam um ninho seguro encontraram neste agasalhado cantinho o Paraíso desejado. Os parques e os jardins regorgitam de crianças lindas, de tôdas as nacionalidades, confraternizando alegremente, entendendo-se no seu vibrante chilrear, brincando com os seus bonecos — que são também crianças sem alma e sem vida — alheias ao Incêndio devastador!

E tôdas, portuguesas e estrangeiras, partilham pròdigamente da tranqüilidade aliciadora, do ar puro, vivificante, do sol forte e prodigioso — medalhão doirado destacando-se no azul límpido do céu como divina Hóstia a irradiar bênçãos de luz por tôda a Terra Porguesa! — JUDITH MAGGIOLY.

RAPARIGAS FRANCESAS ao serviço da França Livre, regressam ao seu hotel, depois de um dia de trabalho nas repartições gaulistas de Londres.

RACHEL, parisiense típica, casada com um aviador Inglês, trabalha actualmente no departamento de justiça militar das fôrças do general De Gaulle.

YVETTE E JEANNE, duas Francesas Livres que fugiram de Brest, a bordo do vapor «Meknes», disfarçadas de legionários. (Fotos «Britanova»)

A VOLTA
DA ROMARIA
(Bonecos de barro)
Foto Deniz Salgado

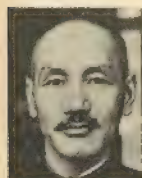
panorama internacional

uma só guerra

por Francisco Velloso

SÔBRE a imensa piedade da aflição humana, o timbre suave da hora espiritual do Natal cai abafado pelo clamor infernal dos gemidos, pelo trovejar das explosões. Cada nação, em suas torturas, é um presépio miniatural da desolação do Mundo. A paz fugiu dos homens. A civilização desabou. O cansaço de sofrer, nos lares famintos, nos exílios cruéis, fêz do Natal de alegria cristã, um Natal de dor.

A anotação dos acontecimentos rubrica neste momento as duas interrogações que torturam milhões de homens: — Para onde vamos? Quando chegará o fim?...

BALANÇO

CHANG-KAI-CHEK

A oitava fina confirmou, dia por dia, a ascendência positiva que o Japão tomou na enorme batalha do Pacífico. O primeiro ímpeto do assalto não marcou sòmente a prioridade duma iniciativa, mas da decisão do alto-comando nipónico sôbre os seus adversários. Êstes foram colhidos de repente, dispersos, sem coesão. As grandes vítimas dêste êrro irremissível foram o couraçado *Príncipe de Gales* e o cruzador *Repulse* e o couraçado *Arizona*. Sofreram também os japoneses graves perdas, entre elas a de um dos seus grandes navios de superfície. Mas o informador oficial da marinha nipónica podia, no dia 16 vangloriar-se, por exemplo, do facto de o potencial inglês e norte-americano em porta-aviões ser muito inferior ao da armada japonesa, e de que os porta-aviões desta última deixaram de ter no Pacífico a protecção que lhes seria necessária.

De facto, é com êsse grupo de navios-bases que o Japão pode fazer os seus actuais ataques às ilhas e posições da Inglaterra e dos Estados Unidos. Assim foi nas Hawai, na ilha Guan, já ocupada, na ilha Wake, nas Filipinas e contra Singapura. Houveram, sem dúvida, os nipões tempo de sobejo para acumularem efectivos sôbre efectivos, e toneladas sôbre toneladas de material na Indochina. Mas a sua esquadra fêz o resto: apoiou os desembarques e a aviação naval.

Os japoneses estão senhores do Pacífico oriental. Não há até agora ao longo das bases norte-americanas costeiras dêsse mar, o menor sinal de que, além do apagamento de luzes, a armada de lá partisse à procura e ao encontro do inimigo.

As Filipinas estão a defender-se arriscadamente por seus próprios meios. Foram as Índias Holandesas que valeram com aviação à não menos arriscada defesa da península de Malaca onde, aliás, os inglêses admitem o cêrco de Singapura, como a capitulação de Hong-Kong em cujà defesa, mas ainda a grande distância, Chang-Kai-Chek lançou parte das suas fôrças. A zona inglêsa da ilha de Bornéo sofreu assalto dos japoneses e todo o arquipélago fica sob ameaça.

No balanço dêstes factos, sobressaem: — a assombrosa impreparação anglo-americana em terra, no mar e no ar; — a ausência de fôrças navais nos centros de acção; — a falta não só de um plano de operações dos aliados, mas de um comando único e supremo; — a flutuação nos actos de defesa, desagregados e isolados.

REALIDADES

KNOX

Nos Estados Unidos a surprêsa da investida japonesa teve como imediato efeito revelar, em tôda a extensão a tôda a profundidade, três calidades tremendas: — o estrago profundo causado, num derrotismo que transcende o egoismo das maiores covardias, pela campanha tenebrosa dos isolacionistas, que desarmou a grande república; — a inexistência de capacidades, nos altos comandos, na conjuntura exacta em que ela havia de demonstrar-se diante de um inimigo que as possuia e possue no melhor grau; — o perigo de se usar de diplomacias sinuosas ou contemporizadoras para com um adversário que antecipadamente se sabe estar disposto a agir sistemàticamente em ofensiva e cujo espírito de agressão não desarma.

A subseqüência dos acontecimentos no Pacífico vai condicionar-se nestas realidades.

No dia 16, Roosevelt ordenava que se procedesse, com a maior urgência, a um rigoroso inquérito às fôrças de Terra, Mar e Ar norte-americanas, em Hawai, porque, tendo recebido ordens, de madrugada, para estarem de prevenção, foram colhidas de surprêsa, à tarde do mesmo dia, pelo ataque dos japoneses, não tendo avistado os aviões atacantes nem os seus transportes. Na recente visita que o secretário da Marinha, Knox, fêz a Hawai, verificou que, se as fôrças norte-americanas se encontrassem de prevenção, com lhes foi ordenado, teriam repelido, com a maior eficiência, os ataques dos japoneses e causado, a estes, consideráveis baixas.

Na véspera, Knox anunciou que ia aconselhar uma nova estratégia em vista dos ensinamentos que recolhera da sua inspecção aos prejuízos sofridos na grande base de Pearl Harbour.

Êstes dois factos corroboram o que acima dizemos. A ampliação da idade de serviço militar, a chamada de dezenas de coronéis ao pôsto de general do exército, a mudança do comando supremo da esquadra do Pacífico assinalam perturbação.

Diante dêles, temos de apresentar declarações do general Tojo no dia 17 à Dieta em Tóquio. A primeira é de que a guerra será longa, de que o Japão está preparado para ela, e de que, no entanto, será preciso arrostar com graves dificuldades. O chefe do govêrno nipónico previne-se assim para a inevitável crise de matérias primas que, sob o olhar inquiridor da indústria e dos velhos políticos prudentes, um dia, precisamente por causa da duração da guerra, rebentará. Outra referência deve sublinhar-se: — a de que entre o actual govêrno de Tóquio, e Berlim e Roma já havia durante as negociações com Washington apostados e combinados propósitos de uma intervenção japonesa.

O almirante Shimada esmaltou estas afirmações com o relatório dos sucessos vitoriosos das armas japonesas neste simples intróito da luta em que só por estrabismo um jornal de Nova Iorque pretende ver a primeira fase da guerra no Pacífico.

À PROCURA DE UM COMANDO

TOJO

Como podem os aliados sair desta situação? A magnitude do desastre impôs-lhes automàticamente a revisão das condições em que a sua causa tem de mover-se. Para isso, a verdade axiomática é que a guerra do Pacífico, ao transmudar prespectivas e alterar posições, está integrada na conflagração geral que ateia no mundo as labaredas de um incêndio jamais visto.

Nesta integração a maior necessidade é unificar uma direcção e sôbre um só plano fazer a distribuïção de fôrças e de esforços, é fazer imediatamente aquilo que até hoje ainda não foi feito e que feito já deveria ser. Nos últimos dias, as agências noticiam importantes negociações em curso entre Londres, Washington e Moscovo. Ao mesmo tempo que na capital norte-americana se procura afanosamente aquela unidade para a dupla acção naval e aérea no Atlântico e no Pacífico, em conferências travadas em Londres-Moscovo um esfôrço convergente é feito para argamassar e organizar o mesmo objectivo num bloco maior que compreenderia a Inglaterra e Domínios, a Rússia, os Estados Unidos e a China. A imprensa norte-americana e inglêsa clamam pela urgência desta finalidade. *Uma só guerra!*

É a crise de *Doullens* em 1918 tresdobrada na amplitude de vastos continentes O que então se impôs entre exércitos nos diversos *fronts*, aparece hoje entre nações gigantescas separadas por grandes oceanos. E à medida que o conflito se amplia e deflagra, êsse imperativo é mais forte e terminante.

Só para os aliados? Não. O mesmo problema mostra uma face igual para o bloco internacional do *Eixo*. De Berlim, uma informação diz-nos que, similarmente, Hitler estuda a conjugação coordenada das directrizes político-militares entre todos os países que a Alemanha superiormente comanda. E compreende-se que assim seja. Se a Inglaterra tem de ajustar no Oriente a sua acção com os Estados Unidos, a Alemanha tem de consertar a sua acção com o Japão.

A seqüências das operações depende rigorosamente da maior ou menor eficiência destas combinações e pactos.

Os acontecimentos já rolam nesse sentido com o crescente e caudaloso fragor das avalanches.

DEMONSTRAÇÃO

VON LIST

Na conjuntura precisa em que surge essa questão, surgem por sua vez em campos distantes mas relacionados, problemas cuja solução parece aguardar a daquela.

Um comunicado oficioso de Berlim, pela Havas, fala-nos de que o exército alemão insta no seu empenho de estabilizar a guerra a Leste, contra o objectivo de Timochenco de em asssaltos constantes, por meio de reacções de ofensiva de cada vez mais amplas, prolongar a batalha da Rússia pelo inverno dentro.

O valor dêste intento e aporfiado empenho dos generais russos, que o regresso do govêrno soviético a Moscovo e os factos constantes dos comunicados de operações documentam (inclusivé os contra-ataques da *Luftwafe* no sul a proteger os recuos dos efectivos de Von List a posições de resistência estável), êsse valor, mede-se já por outros factos salientes, como o do envio de aviação e combustíveis a Rommel no transe em que Ritchie procura tolher-lhe a retirada para as linhas da Cirenaica. Por outro lado, se a batalha da Rússia continua com vigor a absorver recursos alemães, pode, em dado momento, influir no desenvolvimento, já bem à vista, da acção político-alemã para ocidente e sôbre o Atlântico, diante do facto novo da intervenção dos Estados Unidos e da formação do bloco das Américas — quando, após o *Pacto de Saint-Florentin* já entre a França, a Alemanha e a Itália se assentaram os termos duma intercooperação que começou com o holocausto de Weygand, encerrado na sua casa de Antibes, e se desenrola desde Bizerta por tôdá a costa norte e ocidental de África com centro em Dakar, contra essoutros centros hoje poderosíssimos *(e mais ainda depois da guerra em tôda a política africana)* que os inglêses formaram, com apoio e auxílios americanos, na zona equatorial, entre os quais o mais importante é o Congo Belga. E lembremos ainda quanto preciosos são em prespectivas desta ordem a massa dos submarinos alemães e os portos europeus e africanos que dominam as chaves do Atlântico.

(Continua na pág. 47)

OS NAVIOS MISTERIOSOS DA FROTA JAPONESA

por **Maurício de Oliveira**

QUANDO o Japão criou o estado de guerra no Pacífico, ao atacar de surprêsa e sem qualquer declaração de beligerância, as bases americanas naquele vasto oceano, tôdas as pessoas que se interessam pela marcha dos acontecimentos pensaram que ia tratar-se de uma luta essencialmente naval e aérea e que, por conseqüência, o curioso era conhecer, tanto quanto possivel, os efectivos das duas poderosas armadas que iam defrontar-se.

Ora sabe-se que o Japão, nos últimos anos, fêz segrêdo absoluto das suas construções navais, o que não impediu que se soubesse que elas existiam, em ritmo acelerado e de grande importância militar. De que se tratava? Grandes couraçados, poderosamente armados e cruzadores de batalha, relativamente pequenos, mas muito velozes.

Os adidos navais fizeram os maiores esforços por conhecer alguma coisa sôbre assunto que tão particularmente interessava aos Estados Unidos e à Rússia mas, de inicio, nada conseguiram e, mesmo nos últimos tempos, aquilo que lograram saber foi muito pouco.

O Japão revelára, porém, as suas disposições ao recusar-se a aderir aos projectos britânicos de limitação do calibre da artilharia principal dos navios de linha. Desejava, assim, ficar com as mãos livres para efectivar os seus vastos planos, já nesse momento em curso acelerado. Entretanto, a Imprensa nipónica batia a tecla de uma Armada forte, *mais forte ainda*, pela qual o povo japonês deveria fazer *todos os sacrifícios*, pois os *frutos* dêsse sacrifício saberiam colhê-los os marinheiros japoneses...

OS NAVIOS MISTERIOSOS...

E assim, em Setembro de 1937, conseguia-se saber apenas que, no Arsenal de Yokosuka, fôra discretamente assente, sem qualquer cerimonial, a quilha de um couraçado de 43.000 toneladas... Quási ao mesmo tempo sabia-se que, em Agosto dêsse mesmo ano, o Arsenal de Kuré, iniciava a construção de outro navio igual, e que, por essa mesma altura, dois outros couraçados se haviam iniciado simultâneamente, no Arsenal de Sasebo.

Neste momento, quando estamos em presença dos factos consumados — a guerra — os americanos constatam que êsses quatro couraçados devem estar já em serviço. Continuam a desconhecer-se as suas características e nem se sabe mesmo, exactamente, o calibre da sua artilharia principal, mas os meios navais bem informados dizem não se admirar se êles surgirem armados com canhões de 457 mm.!

E, pode preguntar-se: Há ainda mais navios misteriosos?

A resposta deve ser afirmativa. Em 1939, soube-se que o Arsenal de Yokosuka lançára à água um novo tipo de cruzador de batalha, que se reconhece hoje ser uma criação exclusivamente japonesa. Sabe-se o seu nome: chama-se «Kazekuru» e desloca apenas 16.000 tôneladas, mas pode atingir a velocidade de 32 milhas e está armado com 6 canhões de 305 mm. e numerosa artelharia anti-aérea.

Além do «Kazekuru», há informações seguras de que um outro navio, da mesma classe, se encontra em acabamento urgente no mesmo arsenal.

Ao falar-se, portanto, da esquadra de batalha do Japão deve acrescentar-se que, além dos 10 couraçados bem conhecidos, há a contar com, pelo menos cinco, *navios misteriosos* cuja existência está hoje provada, mas cujo verdadeiro potencial e condições de resistência e protecção, se apresentam ainda como inteiramente ignoradas.

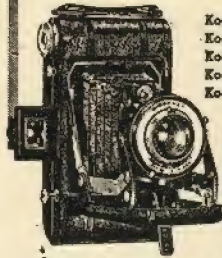
SACRIFÍCIO DE VIDAS EM SILÊNCIO...

Nos últimos anos, a indústria de construção naval japonesa tem-se arriscado a conceber e a experimentar uma série de novos tipos de unidades, nomeadamente cruzadores ligeiros de 8.000 tóneladas e contra-torpedeiros, além dos navios de linha acima mencionados.

Essas experiências — como as experiências de um laboratório — tem tido os seus êxitos e os seus fracassos. Certo dia, não há muito tempo, quando um novo modêlo de contra-torpedeiro, com um armamento talvez superior àquele que deveria comportar, efectuava as suas experiências, voltou-se ao trancar o leme todo a bombordo, quando ia à velocidade máxima. Morreu todo o pessoal que seguia a bordo, mas do trágico episódio pouco ou nada transpirou. E os estudos aturados prosseguiam.

Mais tarde, durante as experiências da artelharia de um cruzador ligeiro, verificou-se que o navio não podia suportar os canhões que lhe tinham sido destinados. Eram grandes demais. Foi preciso rever a construção e alterar tôda uma série de navios da mesma classe que estavam em acabamento. Do incidente pouco se falou, mas os estudos por uma Armada sempre mais forte e eficiente, prosseguiram sem alteração.

E assim, o Japão chegou à guerra — uma guerra que foi tantas e tantas vezes adiada. Pode afirmar-se que entrou na contenda com uma frota naval e outra aérea, cuja importância não deixa ainda prever os resultados da luta no Pacífico. O que se apresenta, todavia, como inegável, é que estamos em presença de um esfôrço técnico e de preparação de pessoal que marca fundamente uma época na vida do Japão.

O enfraquecimento súbito da frota inglêsa em águas de Singapura veio trazer um golpe rude, mas não se deve, por outro lado, esquecer, que os recursos dos Estados Unidos parecem inexgotáveis, que a firmeza da Inglaterra e o valor da sua Armada não admitem dúvidas e que a guerra — êste é, talvez, o aspecto mais grave para o Japão — está ainda muito longe do seu termo...

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano Max Felton

Especial para "Vida Mundial Ilustrada"

AVIA cêrca de um ano que Charles Read vivia naquela esplêndida casa, num moderno bloco de quarenta e oito andares, recentemente construído. Êle fôra estrear, novinho em fôlha, o seu «appartement» no vigésimo quinto andar, que era, numa construção tão alta e tão cara, um piso de honra. À sua volta, no mesmo andar, em habitações de quatro, seis ou oito compartimentos, pululavam variadíssimos escritórios dos negócios mais díspares, e os corredores, que constituíam um verdadeiro labirinto, eram cruzados por uma autêntica multidão de transeuntes que se guiavam por setas às esquinas, a indicarem os diversos locatários, quási todos comerciantes — Harry & Sons, Smith & C.ª, Johnson, Gordon & C.ª, etc. Apenas na sua porta—não mui longe de um dos seis ascensores, que funcionavam constantemente, num afã vertiginoso, a despejar carradas e carradas de pessoas—se lia êste letreiro diferente de todos os outros: «Charles Read — Polícia Particular».

Hesitara durante alguns dias na redacção desta tabuleta tão simples. Harman, o seu dedicado ajudante, aconselhara-o a mandar gravar na placa de metal amarelo, que Giovanni, o seu criado italiano, trazia sempre reluzente, como ouro, esta designação simpática: «Polícia Amador». Mas Charles Read achava que a palavra «amador» apoucava as funções que êle, afinal, exercia como profissional. O facto de êle não pertencer oficialmente à Polícia de Nova Iorque, que é paga pelo Estado, não obstava a que êle vivesse de funções puramente policiais, pelas quais cobrava proventos, por vezes, chorudos. «Amador» lembrava-lhe qualquer coisa de brincadeira, de futilidade, que não se coadunava com a seriedade com que êle abraçara aquela carreira por que se apaixonara recentemente.

Algumas investigações felizes, ou melhor, de resultados felizes, porque nelas empregara tôda a sua energia, sagacidade e diligência, grangearam-lhe uma boa reputação. Os jornais dedicaram-lhe espontâneamente, sem se cobrarem pelo rèclamo, alguns artigos elogiosos, e a sua clientela que, a princípio, era escassa e pobre, aumentava quási sùbitamente em número e em valor.

Foi então que abandonou o seu tugúrio pobre num último andar de Jackson Street, para se instalar naquele arranha-céus, acabado de construir, em Oakland Street. Não tinha agora mãos a medir. Apareciam-lhe tantas causas a tratar que se via forçado a dividi-las por seu ajudante Jack Harman, que, por sua vez, tinha que chamar outras pessoas, mais ou menos enfronhadas em assuntos policiais, para o ajudarem.

A vida abria-se-lhe agora em novos horizontes. Sobretudo adorava aquela habitação. Giovanni trazia tudo num brinquinho. Os oito compartimentos, com seu mobiliário novo ainda a cheirar a verniz, dir-se-iam oito recantos de um palácio encantado. Claro que Charles Read achava tudo aquilo maravilhoso porque nunca soubera o que era confôrto ou riqueza. Provinha de uma família pobre, de Carolina do Sul, que emigrara para Nova Iorque, era êle ainda muito criança. Aos dez anos falecera-lhe o pai. Sua mãe, para o criar, vira-se obrigada a aceitar trabalho numa fábrica de fiação, onde mal ganhava para comer e para lhe ir dando, com grande sacrifício, uma instrução elementar.

Charles conheceu muito cêdo o que era a luta pela vida. Aos catorze anos obteve um lugar de «groom» num escritório; mas freqüentava aulas nocturnas, onde se aperfeiçoava em línguas, que eram a sua paixão, e contabilidade, que era o seu pavor. Reconhecia que não tinha inclinação para o comércio. Amava as Letras. Vingava-se na leitura de tôda a espécie de romances que conseguia haver às suas mãos. E, coisa curiosa, de todos os géneros de literatura, que, sem plano nem descriminação, ia conhecendo nas suas poucas horas vagas, era o policial o que menos o atraía.

Enlevava-se nos poetas que lhe libertavam a alma do tacanhez de uma existência sem horizonte e adorava os escritores naturalistas, porque sabiam reproduzir com exactidão a vida da gente humilde e exprimir com eloqüência as queixas dos que tiveram a pouca sorte de nascer num plano social inferior. Os assuntos policiais divertiam-no, agradavam-lhe, mas achava-os tão inverosímeis como os contos de fadas.

Aos dezóito anos, faltou-lhe a mãe. Ficou só no mundo. Tinha por única fortuna o seu conhecimento muito razoável de alguns idiomas estrangeiros: francês, alemão e espanhol. Pensou então em emigrar para a Europa, para o Canadá ou para o México.

Estava nessa altura empregado num pequeno escritório de comissões e consignações. Mas a sua falta de jeito para as coisas comerciais, não lhe permitia subir de categoria. Ganhava para viver com grandes economias, instalado numa pensão modesta, que lhe levava quási todo o ordenado, habitando um quarto escuro e mal mobilado. O único luxo que se permitia era o desporto. Ao domingo, fazia «basket-ball», que muito contribuíra para lhe enrijar os músculos e retemperar a alma.

Na hesitação de emigrar, deixou passar os anos. E quando acordou daquela espécie de letargia em que se deixava viver, notou com espanto que já contava vinte e seis anos. Preguntou a si mesmo se a sua vida teria que arrastar-se, sempre assim, naquela estúpida monotonia, sem uma grande viagem, nem uma grande luta nem um sobressalto — ao menos, um sobressalto.

E o sobressalto teve-o poucos dias depois, naquele escritório acanhado onde ganhava o pão, com mais seis companheiros: o guarda-livros, o ajudante, o caixa, um empregado de expediente, uma dactilógrafa, um contínuo — e êle. Somavam sete pessoas contando consigo. E o sobressalto consistiu em que o patrão o chamara um dia ao seu gabinete e o submetera a um interrogatório rigoroso, numa atmosfera de suspeição que o afligiu. Charles percebeu tudo. Havia um desfalque na casa. As contas do caixa estavam certas, a escrita do guarda-livros em dia, com um rigor matemático. No entanto, faltava dinheiro. Como se soubera disso? Por um mero acaso. Enviara-se uma conta a um cliente. Era de mil e duzentos dólares. O cliente, porém, que era da província, cruzando-se com a correspondência, viera pagar expontâneamente ao escritório mil e seiscentos dólares. Havia uma diferença contra a casa de quatrocentos dólares. Ora, essa correspondência para os agentes da Província passava pelas mãos de Charles Read. Por isso o patrão o submetera àquele interrogatório quási inquisitorial.

Charles foi essa tarde para casa com aquela atmosfera de suspeição metida no peito. Sentia-se asfixiar. Não sabia como explicar o engano, de-certo um engano. Durante dias, procurou nas suas contas o êrro que julgava ter cometido e não o encontrava. O patrão preguntava-lhe, com um sorriso de ironia, que era como um estilete penetrante a retalhá-lo em pleno peito.

— Então, já achou o «gato»?

Êle não achara o «gato». Andava como doido. Tinha quási a certeza de que, se o caso não ficasse esclarecido, o patrão reclamaria a intervenção da polícia e êle seria a pessoa suspeita que provàvelmente malharia com os ossos na cadeia.

Uma manhã, Charles acordou resolvido a descobrir o engano. Entrou no escritório mais carrancudo, mais tristonho. Dirigiu-se ao guarda-livros e pediu-lhe que o escutasse em particular. A conversa foi longa, mas os seus colegas nada souberam do que se tratara. Essa noite, Read não ficou em casa, amolengado, entregue às suas leituras predilectas. Saiu e só regressou depois da meia-noite. Estas saídas misteriosas duraram seis dias, ao cabo dos quais êle se dirigiu, certa tarde, ao gabinete do patrão para lhe dar uma novidade.

O patrão recebeu-o de sobrecenho carregado. O semblante de Charles, porém, ia mais alegre nesse dia.

— Que me queres? — preguntou-lhe o dono a casa.

— Participar-lhe que o meu colega ajudante do guarda-livros não pôde vir hoje ao escritório.

— Já o sabia — pronunciou o patrão, em tom ríspido.

— Mas de-certo ignora os motivos da sua falta — retorquiu prontamente o empregado.

O outro olhou-o um pouco desconfiado e confessou:

— Realmente, não sei. Porque foi?

— Porque está prêso... — informou Charles.

E, como o patrão o olhasse mais intrigado, esclareceu:

— Está prêso, à minha ordem. Descobri que era êle quem o vinha roubando há três anos. Falsificava a escrita, escrevia aos clientes cartas de que não há cópia. E como era êle quem abria tôdas as cartas só lhe mostrava as que lhe convinha, guardando cheques e outros valores, que se recebiam e que não estavam registados na escrita viciada.

O dono da casa ficou boquiaberto. Como conseguira aquele pobre diabo, que no escritório era considerado o mais tacanho de inteligência, descobrir uma coisa de que as outras pessoas, que se julgavam tão argutas, nem sequer suspeitavam? Aquele homem silencioso e taciturno, afinal, não era um desmiolado como erradamente supunham. Primeiro, realizara um trabalho de autêntico perito contabilista, pois descobrira, fraude por fraude, o gigantesco trabalho de viciação realizado pelo gatuno. Ali estava tudo bem patente. Charles examinara tôda a papelada: facturas, guias de remessa, cartas razuradas — tudo o que escapava, enfim, aos olhos experimentados do guarda-livros e dêle, próprio, patrão, o mais interessado. Além disso, procedera a um verdadeiro trabalho de investigador. Observara o ajudante do guarda-livros, soubera que êle tinha uma amante que gastava à larga pelos cabarés, soubera que êle arriscava avultadas quantias ao jôgo. E Charles, introduzindo-se de noite no escritório, mercê de uma conversa que tivera com o guarda-livros, que lhe cedera a sua chave, pôde espionar o ladrão, que, munido de outra chave falsa, ia a horas mortas proceder às razuras e emendas, que lhe permitiam locupletar-se com quantias que oscilavam entre quatro a cinco mil dólares por mês.

O gatuno, prêso em flagrante, mercê ainda de uma manobra de Charles, que uma noite se ocultara no escritório, acompanhado de dois agentes da polícia, confessara já os seus delitos, à hora em que o patrão, ainda desconfiado da esperteza de Charles, escutava o relato minucioso das investigações a que êle procedera.

Pràticamente, a proeza de Charles Read apenas lhe grangeara um pequeno aumento de ordenado, que não o tirou da reles mediania em que vegetava. O patrão achava que, na verdade, êle tinha esplêndidas faculdades de investigador; mas na vida comercial continuava a ser o mesmo desajeitado. Faltava-lhe o faro dos negócios.

Quando começou a receber os seus vencimentos um pouco mais avultados, ainda Charles pensou em juntar a importância do aumento para um dia poder emigrar. Chegou, porém, à conclusão de que necessitaria de trabalhar mais dez anos para acumular o bastante que lhe permitisse fazer uma viagem à Europa em condições decentes.

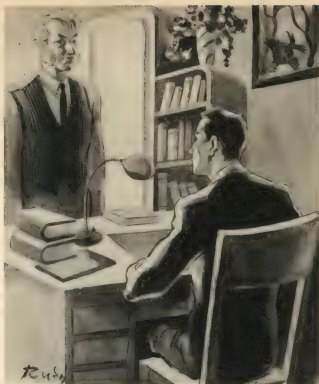
Êle, que tanto gostaria de ver as maravilhas de Arte antiga, na Grécia, na Espanha, na Itália, na França, sentiu-se desanimar ante aquela longa espectativa de dez anos.

Entretanto, a proeza de Charles correra de bôca em bôca. Alguns jornais, ao darem a notícia do ocorrido no escritório, chegaram a conceder-lhe umas linhas de atenção. Um até escrevia: «Mercê da argúcia de «mister» Charles Read, é que se descobriu a manobra hábil do gatuno, que gozava da confiança de tôda a gente».

Estas linhas para êle equivaliam à celebridade. Clientes da casa felicitavam-no. Outros queriam conhecê-lo pessoalmente e ouvir da sua bôca a história completa do caso.

Um dia «mister» King, abastado negociante e industrial, pessoa que «pesava» alguns milhões de dólares, fêz-lhe o favor de o querer conhecer. O patrão chamou-o ao seu gabinete para o apresentar ao ricaço, que entrara no escritório de chapéu na cabeça e charuto na bôca.

Era um homem alto, espadaúdo, ligeiramente obeso, que usava luneta de aros de ouro. Estendeu-lhe a mão, negligente.

— Os meus parabéns, rapaz — disse êle, com um sorriso de bonomia. — Já sei que és um autêntico «detective». Talvez um dia te incumba de achares a

É «mister» John King... Diz que o senhor o conhece muito bem.

paradeiro de um objecto sem valor, uma simples esfera de aço, que, no entanto, nem os mais célebres polícias inglêses, que têm fama de ser os mais argutos do mundo, conseguiram descobrir.

Charles, a estalar de contentamento, curvara-se reverente, perante o ricaço e murmurara, confuso:

— Estou às suas ordens, «mister» King. Disponha inteiramente de mim...

«Mister» King, porém, não quis dispôr de Charles. Soltara uma risada irónica e, batendo-lhe no ombro, pronunciara:

— Estás ainda muito cru, rapaz. Uma bola de aço é objecto muito duro para o teu dente.

E para o confortar do atestado de incompetência que acabava de lhe passar, sacara da carteira e, entre as gargalhadas aduladoras do patrão, Charles Read recebeu, timidamente, uma nota de cinqüenta dólares.

«Mister» John King nem sequer escutara as confusas palavras de agradecimento que Charles proferira, pois logo se embrenhara numa conversa de negócios com o dono da casa.

Dir-se-ia, porém, que a partir daquela data, alguma coisa se modificara profundamente na vida de Charles Read. Houve clientes da casa que começaram a incumbi-lo da descoberta de pequenos furtos, de ligeiras fraudes de empregados infiéis, de colegas de pouca confiança e comerciantes intrujões. E o rapaz conduzia-se com tal habilidade, que raro falhava nas suas investigações. Foi criando fama, os seus clientes particulares aumentaram pouco a pouco. E não tardou em ganhar muito mais dinheiro com as investigações particulares a que se dedicava do que com o seu modesto emprêgo no escritório de comissões e consignações.

Seria talvez oportunidade de realizar o seu sonho de viagens ao México ou à Europa. Mas agora era a nova profissão em que se ia enfronhando que o prendia, que o enleava, não lhe permitindo mover-se para fora dos Estados Unidos.

Um dia, surgiu na recente carreira do investigador um caso que viria a decidir do seu futuro. Tratava-se de um crime de morte. Um cliente do escritório fôra encontrar sua espôsa assassinada, no quarto do hotel em que habitava. A Polícia de Nova Iorque interviera. Concluiu imediatamente que se tratava de roubo. À vítima faltavam os brincos e um anel, de valor apreciável. Mas o assassino não aparecia e das jóias nunca mais houvera notícia.

Foi então que o viúvo, já desanimado com o trabalho infrutífero das autoridades, se lembrou de Charles Read. Íntimo do patrão, pediu-lhe que concedesse ao seu empregado uma licença para êle investigar o caso. Read trabalharia por sua conta durante o tempo que se dedicasse à investigação.

Read aceitou a incumbência, contente e apreensivo. Se lograsse deitar a mão ao criminoso, teria à sua frente uma vida nova; se falhasse, teria que resignar-se à vida opressiva do escritório para todo o sempre. Jogava simultâneamente a pequena fama de «detective» que grangeara em investigações de pouca monta. Todos os olhos estavam fixos nêle. E tinha a certeza de que, ante um caso tão complicado, que dera grande brado nos jornais e que a própria Polícia qualificava de impenetrável, ninguém acreditava no seu possível triunfo.

Apenas Dorothy, a dactilógrafa, muito comodida e muito inteligente, que fôra no escritório o seu melhor camarada, ao despedir-se, quando êle saia de licença, lhe apertou muito a mão e lhe disse, numa voz meiga e ciciada, como se temesse que os outros a escutassem:

— Confio em si, Charles, e sigo-o em pensamento.

Aquelas palavras deram-lhe grande alento.

Uma semana depois, tudo estava esclarecido: a mulher tinha sido assassinada por um antigo namorado, cuja côrte recusara para se casar com o comerciante. O roubo dos brincos servira apenas para despistar. E a Polícia fôra despistada, realmente; Charles é que não.

Foi a apoteose! A Imprensa publicou o seu nome em caracteres tão grandes como feijões. A sua habilidade foi exalçada com os maiores elogios. E Charles já não voltou a ocupar o seu modesto lugar no escritório de comissões e consignações.

Outros casos surgiram, em «avalanche», para êle investigar. Teve que seleccioná-los e recusar a maioria. Não lhe custou, aproveitando a simpatia criada à sua volta, obter das autoridades licença para trabalhar como polícia particular.

Estava num período ascencional. A sua mudança para o vigésimo quinto andar de Oakland Street marcara mais uma etapa da sua ascenção. Havia cêrca de um ano que ali se instalara e a vida sorria-lhe. Essa manhã, por exemplo, em plena Primavera, após o banho matinal, entrara no seu gabinete para se entregar ao exame minucioso de uns documentos falsos que lhe tinham mandado na véspera, quando Giovanni, pressentindo-o, entreabriu a porta e avançando a sua cabeça grisalha, anunciou em voz baixa:

— «Mister» Read!... Há mais de meia hora que tem lá fora na sala uma pessoa à sua espera.

Charles Read lançou-lhe apenas um olhar inquiridor, ao qual o criado respondeu, baixando mais a voz:

— É «mister» John King... Diz que o senhor o conhece muito bem.

O polícia quedou um segundo a recordar, e logo acudiu, numa exclamação:

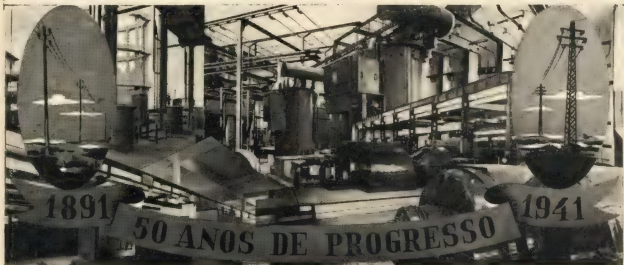
— O milionário!...

Era o homem que lhe dera os cinqüenta dólares de gratificação, a que lhe falara numa tal esfera de aço misteriosa, dizendo que era muito duro para os seus dentes.

— Giovanni! — exclamou êle, sem poder dissimular o seu alvorôço. — Manda entrar para aqui êsse cavalheiro. Depressa!

A cabeça grisalha do criado desapareceu. E Charles, fazendo grandes esforços para reprimir a sua impaciência, avançou até ao meio do gabinete e esperou, a escutar no corredor os passos pesados do milionário que se aproximavam.

(Continua)

UM CURIOSO ASPECTO DE HONG KONG, a possessão britânica do litoral asiático recentemente conquistada pelas tropas nipónicas, após encarniçada resistência

Figuras da Vida MUNDIAL

Ribbentrop

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DO REICH

VISTO POR CANDIDO COSTA PINTO

Cabelo FORTE E PUJANTE!

SUSPENDE A QUÉDA DO CABELO, FORTIFICA-LHE AS RAÍZES E ELIMINA A CASPA

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

Sempre as ultimas novidades
CASACOS
BOLEROS
CAPAS

RAPOSAS argentées azues
MALINHAS para senhora
MEIAS nas mais finas qualidades

CASA CANADÁ 228 — RUA AUGUSTA — 232 TELEFONE. 26809

Correntes Renold Coventry

PARA BICICLETAS, MOTOS, AUTOMOVEIS

MOVIMENTOS DE CORRENTES
PARA FINS INDUSTRIAIS
OU MÁQUINAS AGRÍCOLAS

HARKER SUMNER & C.ª, L.da

14, Largo do Corpo Santo, 18 — 152, Rua José Falcão, 156
LISBOA — PORTO

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
Ondas	m. 221.1	(kcs 1357)	20.10
médias	m. 263.2	(kcs 1140)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

A SÉ DE LISBOA
iluminada por projectores eléctricos. (Foto J. Garcia)

AQUI FOI A EXPOSIÇÃO do Mundo Português que se encerrou há um ano

— REPORTAGEM DE —
GENTIL MARQUES

Agora, os nossos olhos sòmente se podem encher de uma saüdade feita de pena e de tristeza... Saüdade das maravilhas que nos encantaram. Pena de já não podermos ver a Exposição do Mundo Português, tal como foi aqui, neste recinto imenso de Belém, onde Portugal inteiro veio desaguar. Saüdade das visões de magia, quando tudo era beleza e luz, alegria e festa. Pena da exposição não ter ficado erguida para sempre... Saüdade da multidão que se acotovelava às portas, dos risos rubros das raparigas, das noites que pareciam dias. Pena de sentir deserto onde houve babilónia, de ver tudo escuro, vazio, de encontrar apenas rostos sem alma, portas sem gente para entrar, salas grandes, enormes, sem barulho... Saüdade... Pena... E tristeza, também! Tristeza do aspecto que a Exposição oferece aos nossos olhos tristes. Por tôda a parte, o mesmo contraste: grandeza e ruína, passado e presente. A grandeza das paredes másculas onde artistas souberam cinzelar poemas inigualáveis de fôrça e de conceito, a grandeza dos pavilhões ainda erguidos que continuam a simbolizar oito séculos de História... Pedras isoladas, pedras aos montões. Fechou para sempre há um ano.

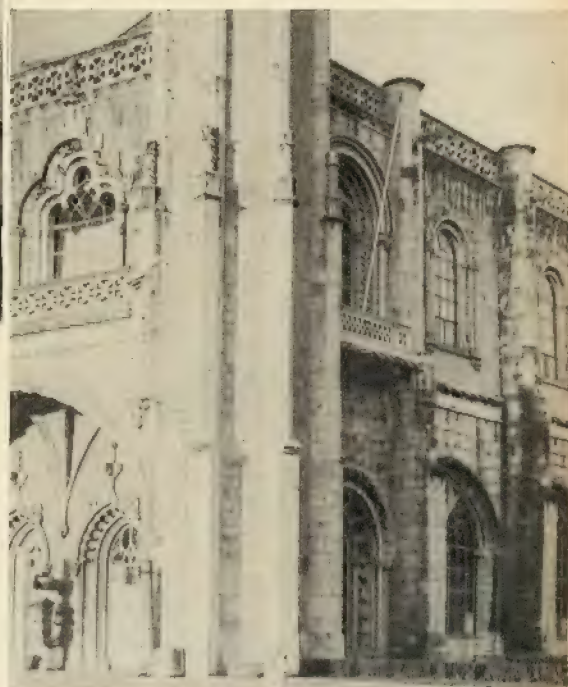
Durante noites e noites, tantas que nem vale a pena contá-las, esta porta foi pequena para a multidão que a desejava passar. Que histórias bonitas contariam as portas da Exposição, se soubessem falar... Agora, abrem-se apenas para deixar entrar sacos pesados aos ombros de homens semi-nús... Há salas cheias de sacos... E todos os dias, chegam mais camiões, mais sacos, mais homens de troncos nús... O poema de beleza, a festa de algazarra, o deslumbramento do encanto, substituiram-se pelo poema do trabalho, pelos monossílabos dos homens cansados.

Foi curta a sua existência, mas o «Espelho de Água» tornou-se bem conhecido... Situado ali, à beirinha do rio manso, que lhe passava por baixo, cantando murmúrios dolentes, foi durante algum tempo o restaurante mais pitoresco, mais agradável de Lisboa... Tinha qualquer coisa de sonho, um quási nada irreal... Chegava até a dar a impressão de estar isolado do Mundo, de ser uma ilha, nascida no meio da Exposição... Que noites deliciosas foram vividas no «Espelho de Água»... Música... Sonho... Romance... Hoje, o «Espelho de Água», é isto. Uma casa abandonada. Montes de pedras... Vidros partidos... Ratazanas que correm... Aquelas setas brancas a indicar o caminho, já não têm significação alguma... Acabou-se o romance, o sonho, a música... Apenas, uma casa abandonada. Nada mais! E até o próprio rio manso parece que canta uns murmúrios mais dolentes.

Bem no alto, a estrêla era luminosa e bela... Lembramo-nos de certa garota, ladina e esperta, que uma vez, mesmo a nosso lado, preguntou à mãe se «aquilo» era o sol... E, de facto, a estrêla era o sol da Exposição. Mais alta. Mais forte. Mais linda. Alguém que partiu para o Brasil, na inesquecível despedida à Embaixada, escreveu depois para Portugal, afirmando que ainda sentia nos olhos a luz daquela estrêla... Mas, a estrêla já perdeu a luz.

Contudo, ainda há gente que visita a Exposição do Mundo Português. Encontrámos duas senhoras, velhotas já, que acabavam de fazer a sua primeira visita ao recinto de Belém... E vinham encantadas... Obstáculos vários impediram-nas de se deslocarem a Lisboa, o ano passado. Ficaram contrariadas. Mas êste ano, mal chegaram, correram a Belém... Queriam ver a Exposição, de qualquer maneira. E viram mesmo. Os pavilhões que ainda estão erguidos. O Padrão das Descobertas. As ruínas do que já desapareceu... Todavia, confessaram-se impressionadas. «Devia ter sido admirável, mana...» «É verdade. Tudo tão lindo». E lá se foram, velhinhas e juntas, a permutar confidências do que tinham visto «nesta» exposição do Mundo Português. Deixámo-las, sorrindo... Um sorriso vago, por não lhes poder proporcionar a visão magnífica que as deixaria deslumbradas, extasiadas... Um sorriso igual à nossa saudade feita de pena e de tristeza. Tudo acabou há um ano!

Na pequena enseada que abrigou a nau «Portugal» acotovelam-se barquinhos... Até a enseada parece diferente. Antes, tôda ela espelhava os reflexos doirados da nau, essa sumptuosa nau que veio ali representar uma época de audácia e de luxo... Foi uma das primeiras coisas a desaparecer da Exposição... Triunfo efémero, o da nau «Portugal»... A enseada, cheia de barcos, dá outra ideia, parece diferente... Há barcos estendidos ao sol, dormindo, repousando das labutas com o mar tirano... Há outros que saem e que entram, que ficam e que partem... Mas aqui, nesta enseada, também houve Exposição do Mundo Português... E ficou, lá no extremo da enseada, qualquer coisa de extraordinário, de simbólico, de belo, que perpetua verdadeiramente um esfôrço gigante e eterno: o Padrão dos Descobrimentos. Quando as penumbras da tarde caem sôbre o Padrão, êle fica envolto como que numa névoa de melancolia... É um poema, êsse Padrão.

Quando se empurra a porta desengonçada e se deita uma espretiadela lá para dentro, aquilo dá-nos a impressão de um quintal onde qualquer ferro-velho faz toca dos seus achados. Na verdade, porém, aquilo representa apenas os restos do Parque das Atracções. Colunas caídas. Janelas sem vidros. Cadeiras sem tampo. Poeira. Ervas. E, principalmente, pedras... Fugimos pela porta desengonçada... E, de súbito, à vista dos Jerónimos, lembramo-nos que aqui foi a Exposição do Mundo Português. Apenas alguns pavilhões continuam de pé... O resto está reduzido a pedras, a ruínas, a recordação... Mas de tudo, há qualquer coisa que ficou, que ficará sempre, aqui, neste recinto imenso: os Jerónimos. Poema de Portugal gigante, êle é uma eterna exposição do Mundo Português. A outra, a bonita, desapareceu... Mas Jerónimos, o mosteiro sagrado, onde a Pátria reza, êsse permanecerá, pelos séculos, a testemunhar eloquentemente a presença de Portugal. Jerónimos... A grande, a eterna exposição do Mundo Português... Diante dêle, dessas paredes que nos dominam pela grandeza, dêsses vitrais que nos tornam pequenos, dessa sumptuosidade que chega a emocionar, já não podemos sentir saúdades, nem penas, nem tristezas. Aqui, foi a Exposição do Mundo Português, mas, afinal, essa exposição continua... Continua no Padrão das Descobertas, na estrêla que há-de voltar a ser Sol e nos Jerónimos. A Exposição fechou há um ano, no dia 1 de Dezembro, mas o Mosteiro nunca fecha!

A CONQUISTA DE ODESSA marcou uma das etapas culminantes da campanha da Rússia. A foto mostra-nos um aspecto do pôrto de Odessa depois da ocupação das tropas romenas, vendo-se ainda os restos do armamento soviético.

A BANDEIRA de um dos regimentos romenos, que se distinguiram na batalha de Odessa, é condecorada pelo rei Miguel durante a sua visita à frente

UMA RUA DE ODESSA, depois da ocupação romena. A cidade retoma a sua vida

MADRUGADA NO TEJO
Foto J. Kirchner

NA GUERRA, nem tudo é sangue, desolação e lágrimas. Há sempre, em tôda a parte, uma nota sentimental ou graciosa. É o caso dêste motociclista alemão que nunca se separa da boneca que sua noiva lhe deu como «mascote» e o acompanha em tôdas as operações arriscadas.

O ALMIRANTE CARLS, num pôsto de observação, junto de alguns oficiais, durante o ataque à ilha de Oesel pelas fôrças navais alemãs.

LEIA TODOS OS SABADOS «VIDA MUNDIAL», A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS. OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS.

MODÊLO
desenho a pastel
por Baptista Rudy

Terras de Sofala e de Manica

Por MARIA MATOS

NAs águas levemente agitadas do Pungué, a lanchasita corta a direito, barulhenta, orgulhosa por levar erguida ao alto, na prôa, a insignia do Governador.

É branca como os cisnes; pulidos, reluzentes os seus metais e a rodazita do leme; atapetada como câmara de gôndola que deslisasse, mansa nos melancólicos canais da Venesa dos Doges, dos sonhos de amor, das pombas de São Marcos...

Como acontece a todos os rios de grande volume e dilatada amplitude, são barrentas as águas do Pungué, ligeiramente encrespadas pela brisa que sôbre elas corre, formando pequeninas vagas que, de quando em quando, se levantam, florindo em crista de espuma, — arremêdo de oceanos que, muito àquém das vastíssimas baias, com elas se confundem.

Tôda cheia de si, como outróra os bergantins reais, a lanchasita branca, corta, airosa e ligeira êsse vastíssimo estuário donde, a meio, mal se enxergam as duas margens.

Monstros, féras, escondem-se para lá daqueles matagais profundos que veem morrer à flôr da água, e apenas o recorte duma asa passa sôbre nós, muito alto, no céu azul de turqueza, sem uma núvem...

Contam-se factos palpitantes, episódios maravilhosos, heroicidades ali vividas, naquelas terras vermelhas de Sofala que, no verão queimam como brasas. Páginas sangrentas, que o valor lusitano soube acrestar ao livro de oiro da nossa história prodigiosa.

Embalada por essas evocações que parecem lenda, tão maravilhosas são, vejo, com a minha alma que reza e sonha, figuras humildes de soldados, homens rudes, singelos e bons que uma hora transformou em mártires, sacrificando-se de bom grado pela grandeza da Pátria estremecida. Escuto, enlevada, dizeres graciosos que fazem sorrir de enternecimento enquanto os olhos se humedecem de pranto:

— Certo soldado que acompanhára o glorioso Caldas Xavier nas suas épicas jornadas através das selvas africanas, que com êle partilhou honras e perigos, apaziguada a última revolta do gentio, volvida a quietação às almas, por aquelas paragens se deixou ficar, acabando seus dias ao serviço de pessoas de familia do heróico vencedor. Então, sempre que passava, guiando o carro que conduzia as senhoras suas amas, pelo caminho que defrontava o local onde se desenrolára parte da epopeia sublime, êle, o humilde e obscuro batalhador, levantava-se, respeitoso, e erguendo o chicote ao alto, como se nele visse a arma que em defesa da Pátria com tanto valor brandira, exclamava, no seu falar tão curioso, trêmulo de entusiasmo e de comoção:

— *Meninas!* Ali foi que êle disse: «Àvincem pèrtugueses! Nan pèrcamos o nome!».

... ...

Quando nestes dias de inverno tão lindos, tão cheios de sol, vejo passar nas ruas, aos bandos, dolentes no andar, olhos mansos e nostálgicos, humildes no aspecto, êsses rapazes vestidos de cinzento que aguardam o momento de embarcar para a Africa, revejo essas paragens longínquas, recordo as narrativas que ouvi e penso, e digo a mim mesma: quantos heróis ali irão ocultos?! «Renúncia» e «Sacrifício» foram sempre virtudes portuguesas! E sinto, com a maior ternura do meu coração, que hoje como ontem, como âmanhã, como sempre, êsses pobres soldadinhos, humildes de aspecto, dolentes no andar, de olhos mansos e nostálgicos, saberão defender êste pedacinho de terra que o mar embala com suas falas de amor, e serão valentes e serão heróicos, porque, acima de tudo, são «Portugueses»!

(Do livro «Africa», que brevemente será publicado)

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

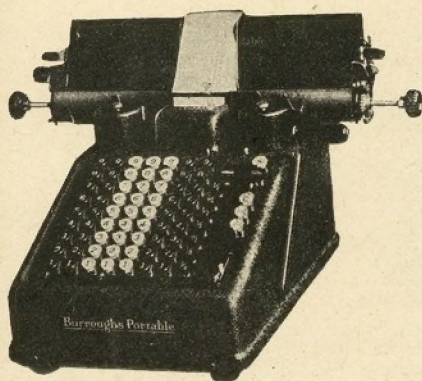
Horas		Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este periodo de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C. A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1$20.

MARECHAL PÉTAIN
Chefe do Estado francês

SOBERANAS DA EUROPA
A Raínha Isabel de Inglaterra

Burroughs

Não se perde tempo a escrever zeros nas somadoras

Burroughs

MÁQUINAS DE:
Somar, calcular, contabilidade e facturas

Mais de 400 Modelos

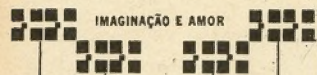
Agente no Pôrto:

J. M. GONÇALVES DE AZEVEDO

R. José Falcão, 177
— TELEFONE 4007 —

Agentes gerais:

ROBINSON BARDSLEY & C.º L.DA

Cais do Sodré, 8-1.º — LISBOA — Telefones 2 4011-12-13

HINOS de alegria, sonhos de amor e cânticos da mocidade a ecoar nas perspectivas duma cidade maravilhosa.

O ROMANCE DUMA ÉPOCA

A COMERCIAL

Empréstimos sôbre penhôres

18, Travessa da Trindade, 22 — Esquina da Rua Nova da Trindade
(Junto ao Chiado)

TELEFONE 2 5082

Efectua transacções sôbre todos os penhores que ofereçam garantia, ao juro da lei.

Dispõe de boa e moderna casa forte para segurança de todos os objectos de valor

Grande prémio de honra na Exposição Industrial Portuguesa

CALÇADO DE LUXO

MALAS / LUVAS

R. DO CARMO, 74 • R. DE SANTA JUSTA, 98-100

TELEFONE P. B. X. 2 4871 **LISBOA**

Séde em Lisboa: Largo do Chiado, 8
Filial no Pôrto: P. Gomes Fernandes, 10

AGENTES POR TODO O PAÍS, ILHAS E AFRICA

FUNDADA EM 1845

Fundos acumulados £ 51,000,000

EFECTUA SEGUROS CONTRA

FOGO E MARITIMOS

INCLUINDO O RISCO DE GUERRA

Agentes Gerais:

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

Secção de Seguros

Rua de S. Paulo, 55-1.º

LISBOA ***TELEFONE 26704***

REBUÇADOS

«AGUIA»

Os preferidos pelo seu escrupuloso fabrico e excelente conservação

Peçam-se em tôdas a parte as consagradas especialidades:

SÃO BRAZ
SEIVA DE PINHEIRO
AVENCA

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

FABRICA AGUIA

LISBOA—PORTO

ERNESTO FERREIRA, L.DA

Rua Vieira da Silva, 32
LISBOA

Simões & C.ª, L.da

FUNDADA EM 1907

A MAIS IMPORTANTE FÁBRICA DE ARTEFACTOS DE MALHA DO PAÍS. — FABRICAÇÃO DE MEIAS, PEÚGAS, CAMISOLAS E ROUPARIA DE MALHA PARA HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS, EM ALGODÃO, LÃ E SÊDA

Criadora da bem conhecida e acreditada meia SUPER «KALIO» e das roupas «SUPREMA»

O NATAL DOS QUE NÃO TÊM NATAL

Reportagem de LANÇA MOREIRA — (continuação da pág. 21)

aguardar que os seus préstimos sejam requesitados. É um Natal sem ternura, mas em contra-partida, benemérito, humano e tanto basta para que, cônscio da sua missão, o clínico se sinta compensado. Agora mesmo ia iniciar uma operação; acompanhe-me.

O dr. Baptista de Sousa, faculta depois o «cliché» no momento de principiar a operação.

Saio do Hospital de S. José, trazendo ainda nos ouvidos o arfar convulsionado do doente — impressão que ao médico passa, ou tem de passar, desapercebida.

. . . .

Soldados da Paz, lhes chamam, mui justamente. Os bombeiros estão a postos, para tôdas as emergências. Em dois minutos todo o material está pronto a largar para o destino que lhe fôr indicado.

O desprêzo pela vida e pela comodidade é visível na Corporação. Era tarde, quando lá entrei com o Serôdio. Dormia-se acordado, — passe o paradoxo da imagem. De piquete, estavam cinco bombeiros. Surpreenderam-se com a finalidade da visita. De súbito, como se duma «féerie» se tratasse, acenderam-se simultâneamente várias luzes, tôdas de significado diferente. Lestos, cada um correu aos telefones, agindo consoante a sua função.

Nesta altura, bem documentativa, fêz-se a foto. E uma vez dadas as ordens necessárias aos quartéis mais próximos da área onde era assinalado o fogo, pude conversar acêrca do Natal.

— De piquete, há só os bombeiros julgados indispensáveis. Aqui, na central, a Festa da Família não custa muito a passar aos que estão de serviço. O Comando, permite, aproveitando o excelente refeitório que cá existe, que as famílias venham fazer a meia noite com os seus...

— Têm, assim, um Natal muito aceitável...

— Em casa seria melhor, mas como a Família está perto, é quanto basta para os bombeiros de serviço se considerarem satisfeitos.

Vamos lá. Aqui o ambiente não é dos mais ingratos, ainda que, evidentemente, no melhor da boa disposição, ela se possa quebrar por uma chamada de fogo...

Continuemos.

. . . .

O frio aperta. Uma neblina cobre o rio, dando-lhe tonalidades de mistério. Ao longo da Ribeira, aparecem e desaparecem vultos, em movimentos bruscos, sacudidos. Vou andando pelo cais até que se me desenha um vulto inamovível. É um guarda-fiscal; embuçado, naturalmente enregelado, abandonou a guarita, para melhor prescrutar o horizonte...

Com os candongueiros todo o cuidado é pouco... Tem um movimento de surprêsa à minha aproximação, que se acentua quando vê a objectiva apontada na sua direcção...

— Que é isso?...

— Não é contrabando, creia... Uma inofensiva máquina fotográfica... Oiça lá: Costuma passar aqui o Natal?...

A resposta não vem imediatamente. O guarda-fiscal ficou perplexo pela rapidez da pregunta e pelo «tiro» de magnésio...

— Isso é para algum jornal?...

— Sim, senhor.

No rosto duro, rasgava-se-lhe um sorriso... É evidente que está lisonjeado... E responde, com uma certa enfase:

— Sabe, o «ofício» é custoso... Mas não há remédio... Seja Natal, Ano Novo ou aniversário de pessoa de família, se o serviço nos toca pela porta, tem de se cumprir. Eu já não estranho. Ás vezes lembro-me da mulher e dos filhos, mas se eu aqui não estivesse êles também não comiam...

E lá ficou entregue à atenta observação do que no rio se passava...

. . . .

A propósito... Há ali uma taberna. Entremos. Belo quadro. Um pintor teria motivo para admirável água-forte... Uma cena muda que diz tudo.

O Natal, para aquela gente, autêntica gente do mar, endurecida pela luta diária, luta pela vida e contra os elementos, é assim passado...

Caras taciturnas, traduzindo mais cansaço do que pròpriamente nostalgia duma festa feliz, que se ignora, por nunca se ter vivido, talvez...

Não cheguei, por isso, a interrogar. O conjunto era suficientemente expressivo, para que fôsse necessário quebrá-lo, com uma pregunta...

. . . .

Está lá?...

— Trancas...

— Um momento... Está impedido...

— Atenção a Paço de Arcos...

Desconcertante, uma estação telefónica. Barulhenta, apressada, dinâmica. O movimento adquire um significado dificilmente inultrapassável em qualquer outro «metier».

Aquelas raparigas fazem o seu Natal «a satisfazerem a satisfação dos outros»... Não param um instante. São telefonemas de boas-festas, de cumprimentos, dos mais variados motivos...

— O que é que pensam da noite do Natal, vivido aqui?...

Como resposta, diversas ligações em todos os sentidos... Nem me olharam. Não há dúvida. O Natal duma telefonista é aquilo mesmo... Entregues por completo, totalmente, ao labirinto dos fios... E desisto, em definitivo!...

. . . .

«Agora é o can-can»!

«Atenção! Artistas a postos!...»

Quando entrei no palco do Coliseu, ouviam-se os alto-falantes a prevenirem os intérpretes da sua próxima entrada em cena. Era o momento nevrálgico da fotografia.

Entreabri uma porta e indiscretamente espreitei...

— Dá licença?...

Instintivo movimento de pudor...

— Oh!... Que deseja?...

— Saber se lhe custa muito passar o Natal a trabalhar, e fazer uma fotografia.

Três gargalhadas me responderam, uma resposta as coroou:

— O nosso Natal? É isto que vê. A meia-noite, o «can-can», à meia-noite e meia hora o fim do espectáculo, que se estende até à uma menos um quarto se há números bisados...

— Mas depois...

— Ora... depois... já passou o Natal... o corpo está moído... O mais que se pode fazer é comer um bife, uma ceia... Do nosso sapatinho ninguém se lembra...

Há aqui uma pontinha de exagêro, por certo... Mas isso não importa. Do tablado, num sôpro a esvair-se, a indecifrável viúva Clavari, murmurava com a sua volúvel garridice: «Se assim é, assim seja!».

. . . .

Quem o não conhece? O João Franco, da Brasileira do Chiado, é uma figura que de há muito entrou na galeria das celebridades indígenas... Filósofo, protagonista de romances, psicólogo, erudito, um manto sapiente a acolher com um gesto benévolo os mais indiscutidos enciclopédicos, a sua palavra finaliza vitoriosa e invariàvelmente uma conversa...

— «Beberá?...»

— «Pagará?...»

São termos lapidares pessoais e intransmissíveis do João Franco...

Aquela hora, a «Brasileira» estava deserta... João Franco bocejava...

— Beberá?...

— Não. Preguntarei...

Os óculos a escorregarem-lhe pelo nariz, fitavam-me.

— Entrevista?...

— Não. Curiosidade... Costuma passar aqui o Natal? Custa-lhe bastante deixar a família sòzinha nessa noite?...

— Hum!... Há muitos anos que vejo o Natal aqui na «Brasileira». Os meus colegas pedem-me para os substituir, e o «jeito» que lhes faço não me incomoda nada.

Ganhando calor:

— E depois, não encaro isto aqui como um emprêgo. A «Brasileira» é, sim, um autêntico centro familiar. São todos conhecidos e amigos. No fim do ano é a mesma coisa, apenas com uma variante: à meia noite, quando principiam as doze badaladas, como os doze bagos de uvas da praxe...

Saímos apressadamente, porque a conversa do João Franco, além de muito filosofal é extremamente elástica...

Chiado abaixo. O frio intenso obriga a quási esconder a cabeça entre a gola do sobretudo.

Aonde ir, por último?... Fechar a reportagem sem penetrar num ambiente de jornal, seria imperdoável.

O jornalista, «malgré tout» tôdas as regalias (!), raro sabe o que seja ter um prazer saboreado paulatinamente.

Vamos ali a cima, ao «Diário de Notícias». A temperatura do ambiente dispõe bem.

São quási duas da manhã. O jornal está em plena laboração. Aprígio Mafra, chefe da Redacção, corta períodos, acrescenta outros, dá o seu «agrément» a várias notícias. Está atarefadíssimo, — panorama de todos os dias.

— Que me diz do Natal passado a trabalhar?...

Aprígio Mafra concede umas tréguas ao serviço...

— Digo-lhe sòmente isto: há 16 anos que não sei o que seja estar junto da família a noite de Natal...

Numa transição:

— Todavia, àparte a lembrança dos meus, que me surge mais intensa ao bater da meia-noite, já estou costumado. A minha vida é feita de noite. Quere saber? Outro dia, pelas 5 horas da tarde, entrei no Nicola; pois daí a momentos, estava meio a dormitar... O que me custa, isso sim, é o dia da minha folga calhar num feriado!... Mas o Natal... o Natal, êsse é dos outros...

. . . .

Pronto. O depoimento dum jornalista é remate condigno e excelente. A sua vigília jamais cessa. Enquanto tôda a gente dorme ou se diverte, êle trabalha.

São três da manhã. O frio abrandou um pouco. Venho revendo mentalmente o variegado colorido dos cenários que acabei de percorrer. Mas agora reparo: o meu Natal, onde está? Passei por êle sem o conhecer; andei de um lado para o outro e esqueceu-me da bela noite...

. . . .

...Não sei de onde, vêm os acordes sonolentos dum «fox», que àquela hora, pelo tom, positivamente já não vai a «trot»... E, chave já à porta, ideias em desalinho, parece que ouço ainda o estalido sêco duma garrafa que se abre... É o Natal dos outros!...

HISTÓRIA DA GUERRA

Por falta de espaço, não inserimos hoje a «História da Nova Guerra Mundial», cuja publicação continuará no próximo número.

PANORAMA INTERNACIONAL

(Conclusão da pág. 28)

A cessação progressiva da navegação de e para a América fecha por sua vez o bloqueio económico do continente europeu, exausto de meios e trabalho, e entregue a seus próprios recursos, que a guerra devora dia a dia.

Transmontemos o continente americano do norte e assomemos ao Pacífico. Apenas estamos em primeiro capítulo. Mas para os aliados há, com tôda a urgência, dois problemas essenciais no prosseguimento da guerra: — o das bases de operações (e veja-se a importância formidável dos acessos à Índia por Singapura que seria inutilizada por um cêrco, e bem assim a das Índias Orientais Holandesas em ligação vital com a Austrália); — e o de um ataque directo ao arquipélago nipónico pelas duas únicas posições que para isso servem, as de Alaska através do cordão das Aleutinas a servir de poldras de passagem, e as da Sibéria russa nas mãos potentes de Blucher.

aMs se considerarmos em que estas últimas só por sua vez podem ser utilizadas na medida em que a batalha da Rússia o consentir, logo nos saltará à vista como a mesma cadeia de causas e efeitos circunvolve, neste momento, o mundo em guerra. A vitória naval japonesa em Malaca sôbre as grandes unidades da armada inglêsa não afectaram as disponibilidades da *Royal Navy*? A entrada dos Estados Unidos na guerra do Pacífico não tem consequências para o *Kriegspiel*, o quadro de guerra de Hitler, e para os auxílios em material à Inglaterra? De qualquer ponto que nos coloquemos, na Ásia, na Europa e na África, o panorama e a equação do conflito mundial são os mesmos.

Dois anos decorreram já sôbre a data memoranda em que a conflagração se desencadeou. E agora, quando ela se dilata intercontinentalmente, subsiste a impressão de que a guerra de ontem já acabou, como fase desta de hoje e de amanhã, da verdadeira guerra, para cuja designação já não serve o adjectivo com que à história passou a que há vinte e três anos flagelou o mundo — e nos diziam ser a última!

MULHER
PORTUGUESA
Foto Mário Novais